

## CAMINHOS DA VIRADA LINGUÍSTICA: SOBRE A ESTRATÉGIA ANTIPSIKOLOGISTA DO TRACTATUS DE WITTGENSTEIN

João Henrique Almeida<sup>490</sup>

**Resumo:** Trata-se de compreender o antipsicologismo que marca o pensamento wittgensteiniano desde seus primeiros escritos, sob forte influência fregeana. Se em Frege o antipsicologismo se caracteriza pelo divórcio entre os conceitos de pensamento e representação, no primeiro Wittgenstein ele se caracteriza pela identificação de um isomorfismo entre pensamento e linguagem. Por conta disso, Wittgenstein rejeita a noção psicologista que submete a Lógica à Psicologia. Esse movimento de Frege à Wittgenstein foi basilar para o evento que ficou conhecido como Virada Linguística.

**Palavras-chave:** Wittgenstein. Pensamento. Psicologismo. Representação.

**Abstract:** It is important to understand the anti-psychologism that marks the wittgensteinian thought since his first writings, under strong Fregean influence. If in Frege the anti-psychologism is characterised by the divorce between the concepts of thought and idea, in the first Wittgenstein it is characterised by the identification of a isomorphism between thought and language. Because of that, Wittgenstein rejects the psychologistic notion that submits Logic to Psychology. This movement, from Frege to Wittgenstein, was fundamental to the event that was known as linguistic turn.

**Keywords:** Wittgenstein. Thought. Psychologism. Idea.

### Introdução

Tendo Frege acatado a noção de representação (*Vorstellung*) como exclusivamente interior e rejeitado a noção de que a lógica é determinada por caracteres interiores, lhe coube a estratégia de salvar a Lógica – Leis do verdadeiro – do psicologismo<sup>491</sup>. A solução fregeana

---

<sup>490</sup> Contato: [joaohlalmeida@gmail.com](mailto:joaohlalmeida@gmail.com).

<sup>491</sup> Hans Sluga (1980) apresenta uma contextualização do ambiente intelectual anglo-germânico com o objetivo de identificar contra qual Psicologismo Frege – e possivelmente Wittgenstein – escreve. Sluga discorda de Dummett na identificação de um psicologismo advindo do idealismo alemão e aponta para um psicologismo advindo do

passa por desvincular o pensamento da representação. Sendo assim, o pensamento com o qual a Lógica lida não é um fenômeno psicológico, isto é, não pertence ao “mundo da consciência” – tampouco ao mundo físico –, mas a um terceiro domínio. O pensamento é ao mesmo tempo objetivo e imperceptível aos sentidos; veste-se, então, com a roupagem perceptível da proposição (FREGE, 2002b). A noção de pensamento como o sentido da proposição é um dos primeiros passos na virada linguística: o conjunto de reflexões que deslocou a ênfase da Filosofia da consciência para a linguagem. Esse processo ganha radicalidade no *Tractatus Logico-Philosophicus* (doravante *TLP*), onde Wittgenstein caracteriza o pensamento como a “proposição com sentido” (WITTGENSTEIN, 2001, §4). Ao invés de algo etéreo que ganha expressão linguística desajustada, sendo necessária a criação de uma linguagem ideal para uma expressão fiel, como quer Frege, o pensamento passa a ser localizado fielmente na linguagem ordinária. Wittgenstein não utiliza a estratégia de separação radical entre representação e pensamento. Na verdade, parece admitir ao pensamento uma constituição psíquica. Seu antipsicologismo está em outro lugar: na identificação de uma estrutura comum entre pensamento, linguagem e realidade.

### **Virada Linguística**

É um tanto natural que recebamos com desconfiança a afirmação de que a formulação de problemas filosóficos repousa sobre um mau entendimento da lógica de nossa linguagem<sup>492</sup>. Pois isso implicaria dizer que o método pelo qual dissolveríamos os enigmas que a Filosofia milenarmente nos colocou seria a análise linguística e esses enigmas parecem tão profundos quanto superficiais parecem as coisas que concernem à linguagem. Ainda assim, parte significativa da prática filosófica desde o século XX adotou a análise linguística como método num movimento que ficou conhecido como virada linguística.

Esse tipo de deslocamento não foi exatamente uma novidade na Filosofia, que passou por outras “revoluções copernicanas”. Na filosofia moderna, por exemplo, encontramos o deslocamento da preocupação ontológica com o Ser dos objetos do mundo, para a preocupação com a acessibilidade desses objetos. Com esse passo, atribuído a Descartes, o novo centro de

---

naturalismo, manifesto sobretudo em J. S. Mill (1979), que submete a Lógica à Psicologia. O Psicologismo naturalista ainda pode se dividir entre o sensualista, de expressão britânica, e o fisiologista, de expressão alemã.

<sup>492</sup> Tal como Wittgenstein afirma no prefácio do *TLP*.

gravidade da investigação filosófica passa a ser ocupado pelo problema da acessibilidade e da nossa justificativa para o conhecimento desses objetos (TUGENDHAT, 2016).

Esse movimento é levado adiante quando se passa a conceber que nem todos os modos de consciência que temos são consciência de um objeto, o que provoca uma expansão ontológica. Tal concepção, atribuída a Kant, crava o novo centro da Filosofia como o sujeito e seus modos de consciência e afeta toda a elaboração filosófica posterior.

Essas viradas filosóficas da modernidade são responsáveis pela noção, ainda persuasiva atualmente, de que não nos relacionamos diretamente com o mundo, mas com as *representações mentais (Vorstellungen)* que fazemos do mundo e são a elas que nossas expressões linguísticas se referem. À noção de que são esses e outros caracteres psicológicos os determinantes da lógica linguística, convencionou-se a alcunha de *psicologismo*. E é sobretudo contra o psicologismo que a virada linguística se impõe.

A concepção de representação é justamente o principal obstáculo da virada linguística contra o psicologismo, porque se há um objeto pré-linguístico que medeia mundo e linguagem, fazer do método filosófico a análise linguística implicaria deixar elementos fora do escopo de análise. Desse modo, seria completamente injustificado virar os olhares da Filosofia da consciência para a linguagem.

Mas ainda que um adepto da filosofia analítica da linguagem possa conceder que o que está em jogo em um problema filosófico é muito mais que a linguagem, um opositor dessa filosofia deverá conceder o fato trivial de que os problemas filosóficos se formulam linguisticamente. Ou seja, mais do que a linguagem está em jogo, contudo, é em solo linguístico que os enigmas se desenrolam. Em sendo assim, é *necessária* uma profunda compreensão do modo como utilizamos a linguagem para que problemas filosóficos possam ser resolvidos ou dissolvidos. Mesmo que a linguagem fosse meramente um instrumento para investigações ontológicas, dominar o instrumento seria o ponto de partida mais adequado. E essa análise do modo pelo qual empregamos a linguagem não precisa ter como pressuposto a ideia de que problemas filosóficos se resumem a problemas linguísticos, muito embora esse possa ser um ponto de chegada.

**Frege**

O primeiro livro de Wittgenstein, o *TLP* contou com grandiosa influência de Gottlob Frege, ao qual se atribui os movimentos germinais que originaram a virada linguística (DUMMETT, 1994). A diferença entre os escritos de Frege e o *TLP* participa da oposição clássica dos filósofos analítico-linguísticos entre linguagem ideal e linguagem ordinária. Frege concebeu que a linguagem ordinária não realiza uma expressão fiel do pensamento, portanto, seria tarefa da Filosofia construir uma linguagem ideal para que nossos pensamentos possam ser perfeitamente expressos. Por outro lado, o *TLP* postula uma manifestação fiel do pensamento pela linguagem. Bastaria ignorar os ornamentos linguísticos acidentais e se concentrar no cerne de proposições declarativas ou verifuncionais, que manifestam o pensamento com fidelidade, para que os problemas filosóficos possam ser dissolvidos por meio da análise linguística.

O avanço da virada linguística dependeu significativamente da luta de Frege contra o psicologismo, que envolveu o embate com a noção de que o objeto da lógica é um objeto psicológico. Em *Der Gedanke* (2002b) Frege defende que o objeto da lógica é constituído pelas leis do verdadeiro, que é muito diferente das leis do asserir como verdadeiro. Isto é, as leis que presidem a atribuição de verdade a um pensamento são muito diferentes das leis psicológicas do próprio pensar. Mas o que seria o pensamento senão um processo psíquico?

Para Frege, o que queremos dizer com a palavra “pensamento” é muito diferente do que queremos dizer com “representação”<sup>493</sup> ou “ideia”, que são palavras psicológicas. Dizemos que a representação, enquanto objeto psíquico, pode ser verdadeira ou falsa, mas, como esse objeto se expressa em sentenças, Frege reduz a verdade de uma representação à verdade da sentença que a expressa. E aquilo pelo qual se deve perguntar pela verdade é o sentido dessa sentença. É justamente o sentido de uma sentença que Frege chama de pensamento.

A noção de pensamento em Frege é ainda algo etéreo, embora constitua um passo importante para a germinação da filosofia analítica. O pensamento não é a representação mental, tampouco a sentença, mas o sentido dela. O pensamento não faz parte do mundo dos objetos físicos, tampouco do mundo dos objetos psíquicos. Compõe um terceiro domínio. O pensamento, uma entidade imperceptível pelos sentidos, veste-se com a roupagem perceptível da sentença, o que faz da sentença o veículo de expressão do pensamento (FREGE, 2002b). No entanto, trata-se de uma roupagem ainda frouxa. O que torna necessário um esforço de

---

<sup>493</sup> A tradução utilizada emprega a palavra “ideia”, do original “*Vorstellung*”. Como já vínhamos utilizando a tradução “representação”, optamos por manter desse modo.

construção filosófica de uma linguagem capaz de expressar perfeitamente o pensamento. Frege chamou essa linguagem ideal de conceitografia.

A estratégia de Frege, então, é clara: ele concede aos psicologistas que a representação compõe um mundo interior, o mundo da consciência, mas nega que ela seja o fundamento da lógica e da matemática, que faria dessas disciplinas psicologias regionais. O problema da representação é que ela depende de um portador e mais de uma pessoa não pode portar a mesma representação. Nesse caso imperaria o relativismo, fazendo ser impossível que mais de uma pessoa, por exemplo, apreendesse o teorema de Pitágoras. Ocorreria que cada um teria o seu próprio teorema. Acontece que o teorema de Pitágoras não é uma representação ou uma ideia, mas um pensamento. Pensamentos são apreensíveis por indivíduos, mas não dependem da posse de um indivíduo para existir. A estratégia de Frege para salvar a lógica e a matemática do psicologismo é então divorciar o pensamento da representação.

Nesse argumento, Frege mantém concepções que apenas o segundo Wittgenstein romperá, como a ideia de um mundo interior que apenas o possuidor tem acesso e o referencialismo de que o sentido de uma sentença está na sua correspondência com o mundo. Mas ainda assim o divórcio do pensamento com a Psicologia constitui um passo crucial para o desenvolvimento da virada linguística. Pensar continua sendo um ato psicológico, mas nem por isso o pensamento expresso é um objeto psicológico.

## **Tractatus**

Apesar de Wittgenstein atestar no *TLP* certa dívida às “obras grandiosas de Frege” como boa parte dos estímulos às suas ideias, não podemos dizer que a noção de pensamento nesse texto é a mesma noção apresentada por Frege (WITTGENSTEIN, 2001, p. 131). Desse modo, também não poderemos dizer que o antipsicologismo do *TLP* possui o mesmo caráter do antipsicologismo fregeano.

Enquanto que a estratégia antipsicologista utilizada por Frege conta com centralidade da representação (*Vorstellung*), que assume o papel de justamente *o que o pensamento não é*, o autor do *TLP* emprega o verbo ‘*Vorstellen*’ apenas uma vez em todo o livro. E esse emprego ocorre justamente numa passagem que, ao contrário de afastar, aproxima pensamento de representação: “O sujeito que pensa, representa, não existe” (WITTGENSTEIN, 2001, §5.631).

Isso nos leva a crer que o “pensamento” do *TLP* é ele mesmo representação, senão algo mais próximo de uma representação do que Frege admite. Com isso, podemos nos perguntar, Wittgenstein não reabilita o psicologismo combatido por Frege? Vejamos.

Antes de usar o verbo ‘pensar’ como sinônimo de ‘representar’, Wittgenstein articula o conceito de pensamento em uma série de outros aforismos. No que talvez seja o aforismo principal para tal conceito, o aforismo 3, Wittgenstein afirma que “A figuração lógica dos fatos é o pensamento” (WITTGENSTEIN, 2001, §3). Mais adiante, num aforismo de mesma importância lógica que o 3<sup>494</sup>, Wittgenstein afirma que “O pensamento é a proposição com sentido” e logo abaixo que “A totalidade das proposições é a linguagem” (WITTGENSTEIN, 2001, §4 e §4.001). Isso nos coloca um problema: como o pensamento pode ser ao mesmo tempo algo análogo à representação, e, portanto, privado, e ser também a proposição com sentido, cuja totalidade forma a linguagem, que é pública? Observemos se aprofundar um tanto nos argumentos do *TLP* oferece alguma luz.

No *TLP*, é uma condição necessária para uma relação afiguradora<sup>495</sup> entre linguagem e realidade que ambas as partes possuam um isomorfismo lógico. Ou seja, para que uma proposição afigure a realidade, seus elementos mínimos, os nomes, precisam estar concatenados na mesma forma lógica que os elementos mínimos do mundo, os objetos. Isso que chamamos de figuração lógica. O fato é a subsistência de estados de coisas, que por sua vez é uma ligação de objetos (WITTGENSTEIN, 2001, §2 e §2.01). Portanto, a figuração lógica dos fatos, o pensamento, nada mais é que um conjunto de objetos dispostos numa mesma forma lógica que outros objetos. Mas que são os objetos afiguradores? São linguísticos, como os nomes? São psíquicos, como as representações? São físicos, como os objetos do mundo? Tudo indica que para o autor do *TLP*, uma afiguração conta com todos esses tipos de objetos. Posso afigurar o fato de que João está entre Rodrigo e Vanessa pegando três bolas de gude e dispondo uma entre as outras duas. Do mesmo modo, posso afigurar esse fato dizendo: “João está entre Rodrigo e Vanessa”. O objeto linguístico nada mais é que um objeto físico que cumpre determinada função simbólica, podendo ser o sinal, a materialidade, do objeto tanto uma bola de gude quanto um elemento linguístico por excelência como a palavra. E o objeto psíquico?

---

<sup>494</sup> O *TLP* é um livro que consistem em 7 pequenos aforismos, tendo cada um deles (com exceção do sétimo), uma série de aforismos subsidiários de menor peso lógico.

<sup>495</sup> No *TLP*, a afiguração (*Abbildung*) é a relação de apresentação do mundo pela linguagem.

Esse parece ser um dos principais mistérios do *TLP*. Mas mesmo assim, Wittgenstein parece não estar disposto a dispensá-lo na ligação entre linguagem e realidade.

Uma carta a Russell em 1919 é reveladora. Nela, Wittgenstein diz:

Não sei *quais* são os constituintes do pensamento, mas sei *que* devem haver tais constituintes que correspondem às palavras da Linguagem. De novo, o tipo de relação dos constituintes do pensamento e do fato afigurado é irrelevante. Descobrir seria uma questão de psicologia (McGUINNESS, 2008, pp. 98-9).

O que podemos tirar desse trecho é que, muito embora compreender *como ocorre* a relação entre pensamento e realidade seja uma questão para a Psicologia, essa relação *deve ocorrer* para que a linguagem afigure a realidade. Portanto, é também uma condição necessária para a afiguração entre linguagem e realidade uma mediação do pensamento. Mais adiante na carta Wittgenstein ainda diz: “Um *Gedanke* [Pensamento] consiste em palavras? Não! Mas de constituintes psíquicos que possuem a mesma sorte de relação com a realidade que palavras. O que são esses constituintes eu não sei” (McGUINNESS, 2008, p. 99). Temos, portanto, três tipos de objetos numa afiguração: um objeto físico, um objeto linguístico e um objeto psíquico. O pensamento, constituído por objetos psíquicos, é o que garante que dois conjuntos de objetos possuam uma relação de afiguração.

Com isso avançamos na compreensão da relação entre pensamento, linguagem e realidade, mas continuamos com nossas duas questões em aberto: (i) a concepção de pensamento do *TLP* reabilita o psicologismo?; e (ii) como o pensamento pode ser ao mesmo tempo privado e público?

Vimos que Wittgenstein não compra o divórcio fregeano entre pensamento e representação. Logo, se for possível dizer que o *TLP* é uma obra antipsicologista, precisamos identificar uma outra estratégia. O prefácio deste livro já indica seu objetivo, o que pode nos auxiliar a identificar sua estratégia: “O livro pretende, pois, traçar um limite para o pensar, ou melhor – não para o pensar, mas para a expressão dos pensamentos” (WITTGENSTEIN, 2001, p. 131). Compreendemos “expressão dos pensamentos” como justamente a linguagem. Então, o objetivo do *TLP* é traçar os limites do dizível. E se a linguagem sobre a qual Wittgenstein traçará esse limite é, como vimos, a totalidade das proposições e a proposição com sentido é o pensamento, traçar os limites do dizível é traçar os limites do pensável<sup>496</sup>.

---

<sup>496</sup> Aqui já se nota uma diferença significativa para com Frege: o pensamento não é mais o sentido da proposição, mas a proposição com sentido. A roupagem linguística, que era frouxa, torna-se rente ao corpo.

Isso se relaciona com a concepção vista acima de que para que uma relação afiguradora se estabeleça, é necessária uma correspondência ponto a ponto entre linguagem, pensamento e realidade. Esse isomorfismo é o que faz com que o pensamento seja, ao mesmo tempo que privado, público: seus constituintes são psíquicos, mas sua forma lógica se expressa na linguagem. Se o esclarecimento desses pensamentos é o fim da Filosofia (WITTGENSTEIN, 2001, §4.112), que nada mais é que separar proposições com sentido (pensamentos) de proposições sem sentido e contrassensos, então a atividade filosófica é eminentemente linguística, ficando salvaguardada do psicologismo. Enquanto que a estratégia de Frege é afastar pensamento de representação para combater o psicologismo, a estratégia de Wittgenstein no *TLP* é identificar isomorficamente o pensamento da linguagem, ainda que ele possa manter uma familiaridade com a representação.

## **Conclusão**

Antes de concluir, cumpre destacar que a noção do *TLP* para a relação entre linguagem, pensamento e realidade pode ser compreendida como referencialista: a linguagem se refere à realidade, numa correspondência ponto-a-ponto, através do pensamento. A linguagem é compreendida aqui como um conjunto de proposições, mas apenas proposições declarativas possuem sentido. Quais sejam, proposições que declaram a existência de determinado estado de coisas. Além disso, os elementos mínimos das proposições, os nomes, só possuem significado no interior da proposição, porém, suas possibilidades de combinação são todas dadas a priori. Isso quer dizer que para que um nome tenha um significado, ele precisa necessariamente poder ter aquele significado. O sentido da proposição, no *TLP*, não é o pensamento, como Frege propôs, mas “sua concordância e discordância com as possibilidades de existência e inexistência de estados de coisas” (WITTGENSTEIN, 2001, §4.2).

No fim das contas, vemos o movimento da virada linguística passar pela noção fregeana de que o pensamento é o sentido da proposição até a noção tractariana de que o pensamento é a proposição com sentido. Wittgenstein, para ser antipsicologista, não precisa negar que o pensamento tenha constituintes psíquicos, mas apenas garantir que a forma lógica desses constituintes seja a mesma dos objetos que os expressam.

## **Referências bibliográficas**

**O Manguenzal – Revista de Filosofia**  
São Cristóvão/SE, v.1, n. 17, jul. – dez. 2023, ISSN: 2674-7278.



- DUMMETT, Michael. *Origins of Analytical Philosophy*. Harvard University Press, 1994.
- FREGE, Gottlob. *Investigações Lógicas*. Porto Alegre: EDI-PUCRS, 2002a, pp. 9-40.
- FREGE, Gottlob. O Pensamento: Uma investigação lógica. In: FREGE, Gottlob. *Investigações Lógicas*. Porto Alegre: EDI-PUCRS, 2002b, pp. 9-40.
- McGUINNESS, Brian (org.). *Wittgenstein in Cambridge: letters and documents, 1911–1951*. 4ª ed. Blackwell, 2008.
- MILL, J. S. *An Examination of Sir William Hamilton's Philosophy*. New York: Routledge, 1979.
- SEGATTO, Antonio I. *Wittgenstein e o problema da harmonia entre pensamento e realidade*. 1. ed. – São Paulo: Editora da Unesp Digital, 2015.
- SLUGA, Hans. *Gottlob Frege*. New York: Routledge, 1980.
- WITTGENSTEIN, Ludwig. *Tractatus Logico-Philosophicus*. 3.ed. 2.reimp. São Paulo: EDUSP, 2001.